**Glosas sobre a Igreja Católica na Serra Catarinense (Parte 3).**

**D. Oneres Marchiori, Bispo Diocesano de Lages (1987-2009)**

 *Vitor Hugo Mendes*[[1]](#footnote-1)

 A aproximação do centenário de criação (1927-2027) e de instalação (1929-2029) da Diocese de Lages (SC), um marco destacadamente importante na história da Região Serrana, motivou a presente reflexão sobre a situação atual da Igreja Católica na Serra Catarinense. Muito embora se poderia detalhar essa trajetória e aprofundar fatos e/ou situações que, segundo parece, arrefeceram a histórica caminhada da Igreja serrana, a título de brevidade, pontuamos alguns elementos contextuais da Igreja tendo em vista deter-nos em algumas questões de caráter teológico-pastoral da Diocese de Lages.

 Coligamos aspectos certamente elucidativos, mas sem a pretensão de serem conclusivos, visto que são processos abertos, em movimento e que, talvez, ainda estejam em seu momento sísmico. Aliás, seguindo à risca estes tempos de sínodo(*sýnodos*) e sinodalidade com o Papa Francisco, a nossa intenção tem sido sempre a de “puxar prosa” – *abrir o diálogo, incrementar a participação, enraizar a reflexão, ampliar o debate...* – e não a de encerrar a conversa no sinédrio(*sanhedrîn*). Quanto mais se compreende a *Igreja em saída missionária*, tanto mais essas questões evangelizadoras pertencem a uma *discussão pública da teologia* *e da pastoral*,com suas muitas tarefas na Igreja e na Sociedade. Enfim, como incentiva e realiza o primeiro *Papa Latino-americano*, trata-se de “iniciar processos – traçar caminhos, ampliar horizontes, criar pertenças...” que exigem um tipo validação que está para além das costumeiras “zonas de conforto”.

 Neste sentido, prestamos atenção em algo que poderia ser importante não perder de vista. Até muito recentemente, por força da tradição, muitos olhares e ouvidos eclesiásticos, atentos, se voltavam para Roma absortos no protagonismo soberano do Sumo Pontífice. Incluso a fórmula de Santo Agostinho, “Roma locuta, causa finita”, foi recuperada, claro, com adaptações, tratando de sonorizar a autoridade central do papado e a progressiva centralização da Cúria romana. Algo que realmente fez valer aquela Nota Explicativa Prévia da *Lumen Gentium* (1964) que, entre outros, afirma: “O Sumo pontífice, como Pastor Supremo da Igreja, pode exercer o seu poder em qualquer tempo, à sua vontade, como é exigido pelo cargo” (nº. 4). Questões como essas, muito embora o *aggiornamento* trazido pelo Vaticano II, não deixou de perfilar e condicionar a vida, o ministério/magistério dos bispos, a colegialidade episcopal, tampouco deixou incólume o governo da Igreja Particular.

 Com Francisco, posicionado *bispo de Roma*, tudo isso foi sendo radicalmente alterado. A reforma do papado e da Cúria romana, tendo em vista agilizar a Reforma da Igreja, tornou-se incontornável na medida em que se fez acompanhar por uma decidida implementação da sinodalidade em toda a Igreja. Além disso, para indicar que o exemplo começa em casa, Francisco, na prática, vem implementando uma ampla reorganização do Vicariato de Roma (Carta Apostólica *In Ecclesiarum Communione*). Inclusive, explicitando os princípios da Igreja em saída missionária e os respectivos critérios de transparência na administração dos fundos econômicos. Inspirando-se no *modus vivendi et operandi* da Igreja Povo de Deus, o bispo de Roma tem demonstrado, de todas as maneiras, o compromisso de edificar uma Igreja cada vez mais sinodal e aplicada no cuidado da casa comum.

 Trata-se de algo incontestavelmente diferente e, por conta disso, tudo leva a crer que o magistério de Francisco trouxe – *ex corde ecclesiae* – um outro estilo de exercer o governo na Igreja. Desde a sua primeira apresentação pública, o bispo de Roma deixou muito claro que não estava assumindo um poder centralizado no modo de governar a Igreja, como instituição, a nível global, senão que dava início a um serviço de comunhão na Igreja de Cristo dispersa pelo mundo. Um testemunho pastoral cuja originalidade, ousadia e profecia, colocado à prova todos os dias, tem tido a força de atrair o olhar e a escuta de muitos para o protagonismo sinodal do bispo de Roma. Em particular, certamente, os bispos, mas, também, cada um/a e todos nós, encontramos ali um ensaio qualificado de “gestão eclesial” que, como se diz popularmente, bem que poderia “fazer escola”.

 Lembramos disso porque, seja como for, a reforma da Igreja, pela via sinodal, depende da disposição do clero em vencer o próprio clericalismo e abrir-se ao caminhar juntos. E como vimos, em sua maior medida, para bem e para mal, está à mercê de como o bispo diocesano compreende e exerce essa laboriosa missão. Neste caso, em particular, para avançar com Francisco, é preciso advertir, não basta reeditar a *Lumen Gentium*.

\*\*\*

 O terceiro bispo diocesano de Lages, D. Oneres Marchiori, gaúcho de nascimento e lageano de coração, após a formação inicial no seminário de Lages, realizou os estudos teológicos em Roma, onde também foi ordenado padre, em 1960. Havia pouco mais de um ano que o Papa João XIII tinha convocado o Concilio Vaticano II. Em 1977, quando era coordenador de pastoral de Lages, foi nomeado bispo da Diocese de Caçador (SC) pelo Papa Paulo VI, tornando-se sucessor do visionário bispo D. Orlando Dotti.

 Poucos anos depois, transferido para Lages pelo Papa João Paulo II, D. Marchiori permaneceu um longo tempo no governo da diocese. Primeiro foi bispo coadjutor (1983-1987), na sequência, bispo diocesano (1987-2009), por último, já com o Papa Bento XVI, Administrador Apostólico (2009-2010). No total, foram 26 anos e 11 meses de pastoreio incansável. Como bispo emérito de Lages permaneceu ativo por mais 7 anos. Faleceu em 2017.

 Embora “santo de casa não faz milagre”, reza o dito o popular, a maior parte deste extenso período de tempo registra um notável desenvolvimento (identitário, pastoral, vocacional...) da Igreja diocesana. Foi também a época de maior inserção na grave problemática social da região serrana. Os desafios não foram pequenos, tampouco os problemas. Por sua vez, o bispo faz a diocese e, quando se permite, a diocese também faz o bispo. Ajustando com êxito esses aparentes opostos, D. Oneres Marchiori e a Diocese de Lages realmente fizeram caminho ao caminhar na região serrana.

 Depois de muitas décadas de presença franciscana missionária e da obra intrépida de D. Daniel Hostin, OFM, em seus 44 anos como bispo diocesano, seguida pela maneira discreta de D. Honorato Piazzera, SCJ (14 anos), a nomeação de D. Marchiori, um bispo oriundo do clero secular, não deixou de ser algo extraordinário. Também o fato de pertencer ao mesmo presbitério da Diocese de Lages era algo inusitado. Embora, talvez por isto, surpreendentemente, houve de início alguma resistência no clero, D. Marchiori conhecia a diocese, era bastante conhecido e bem relacionado com as lideranças, a vida consagrada e o povo em geral. Com atitude e carisma, soube ir conquistando confiança e respeito na diocese, na sociedade civil, como também, alcançou grande reconhecimento entre os seus pares. São muitas as histórias de amizade com D. Afonso Niehues (Florianópolis), D. Gregório Warmeling (Joinville) e D. José Gomes (Chapecó), entre outros.

 Na sua maneira de ser, o bispo Marchiori compôs um repertório próprio realmente curioso. A figura pública do bispo, elegante e culto, combinava sem dificuldades com o jeito humilde, acolhedor, boa prosa... da gente serrana. Guiado por princípios, sem nunca cair em simplismos rasos ou qualquer tipo de vulgaridade, por vezes chegava a ser enérgico na defesa daquilo que acreditava como pessoa, como Igreja. Era realmente honesto em dizer o que pensava, mas também sabia escutar, deixava-se interpelar e era capaz de acolher uma opinião diferente.

 Ao longo do tempo, a dinâmica de trabalho na diocese e as responsabilidades assumidas em distintos âmbitos da Igreja surtiram um grande efeito na ação pastoral de D. Marchiori. Destacou-se, sobretudo, presidindo os trabalhos do CIER/SC. Foi presidente da Comissão para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso da CNBB, também presidiu o Departamento de Comunhão eclesial e Diálogo do CELAM e foi membro do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos, em Roma. Uma trajetória admirável nem sempre conhecida e suficientemente valorizada como merece.

 No governo da diocese, algumas situações foram determinantes na atuação de D. Marchiori e decisivas no caminhar da Igreja diocesana. O trabalho em equipe sempre potencializou aquelas virtudes pessoais do bispo Marchiori. Nomes como Mons. Luiz Orth (seu primeiro reitor), Pe. Andreas Wiggers e Pe. Ildo Ghizoni, entre muitos outros, foram presenças iluminadas, sobretudo, porque realmente interagiam com o bispo e com a diocese com conhecimento de causa, prudência e equilíbrio. Foram autênticos companheiros do bispo em todos os momentos. Além disso, atuaram com sabedoria assumindo encargos e aglutinando mais e mais pessoas nas equipes de trabalho. Assim cresceu um ambiente de pertença e participação ilimitada na diocese, um ânimo que movimentou uma multidão de gente em torno a projetos comuns muito concretos, discutindo ideias, discernindo propostas... em favor da diocese.

 Antes de tudo, não cabe dúvida, neste período sobressaiu a centralidade prioritária da *pastoral diocesana*. Talvez, como nunca antes, o Secretariado Diocesano de Pastoral tornou-se um verdadeiro centro irradiador da evangelização. Com enorme abertura, criou-se a tradição da reunião semanal onde o bispo e a equipe do secretariado, convidados/as e interessados... repassavam, debatiam e delineavam todos os detalhes da pastoral diocesana. Deu-se uma importância cada vez maior à formação de lideranças na diocese através o Instituto de Teologia Pastoral (ITEPAL). Destaca-se, sobretudo, formação bíblica, incentivando a leitura popular da Bíblia. O Jornal Caminhada, lançado ainda em 1985, tornou-se um veículo de articulação da pastoral e de formação das lideranças e das comunidades.

 Muito rapidamente, no decorrer da década de 1990, a diocese tomou um rumo exitoso que reunia os elementos da pastoral orgânica e de conjunto com as emergências da pastoral libertadora. Estes anos foram decisivos e a atuação de D. Marchiori fundamental.

 Durante as comemorações dos 60 anos de Instalação da Diocese (1989/1990), acompanhado pela realização do *Ano Mariano*, com a participação ativa dos grupos de reflexão, surgiu o primeiro Plano de Pastoral da Diocese (1991-1994). Emergia com clareza a opção por um *novo jeito de ser Igreja,* as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), visibilizadas nos *Grupos de Família*. Também fazia parte o apoio explícito às organizações populares. Junto de um número sempre crescente de lideranças bem preparadas, atuando nos grupos de famílias, nas pastorais e nos movimentos populares, em menos de uma década (1990-1998) foram ordenados 12 novos padres, algo extraordinário na história da diocese e, D. Orlando Brandes, deste presbitério, foi nomeado bispo de Joinville (1994). Com razão pode-se considerar que, de fato, neste período áureo, a Diocese de Lages engendrou e consolidou o rosto inculturado da Igreja na Região Serrana de Santa Catarina. Inclusive porque foi capaz de grafar essa conquista no objetivo de sua ação evangelizadora, “Nós somos o Povo Serrano. Queremos nos Evangelizar...”.

 Por conta da caminhada intensa e comprometida da Igreja diocesana – que, em certo sentido, acompanhava o dinamismo da Diocese de Chapecó, na época, com D. José Gomes – D. Marchiori foi denunciado em Roma como “bispo comunista”, acusado de apoiar as causas populares na diocese. Até mesmo no regional Sul IV, com as alterações no episcopado, D. Marchiori também recebeu algumas observações nem sempre edificantes. Foi algo menor que destacou ainda mais a grandeza do bispo de Lages. Com tranquilidade prosseguiu a obra iniciada, como atesta a elaboração periódica das Diretrizes e Orientações da Ação Evangelizadora da Diocese até o ano de 2009, quando se tornou bispo emérito.

 Considerando que, na Igreja – como ensina o Papa Francisco –, o modelo não é a “esfera”, mas o “poliedro”, que não apaga as diferenças e respeita a pluralidade, na Diocese de Lages, no período descrito, houve um pouco de tudo, mas, sobretudo, houve uma caminhada pastoral frutuosa. Uma herança luminosa que se tornou referência eclesial desde a periferia.

 O último período de governo de D. Marchiori, é verdade, como aconteceu com o final do pontificado de São João Paulo II, atravessado por pela grave mudança de época, evidenciou, limites e fragilidades que ainda necessitam de atenção, cuidado e reparos. Por sua vez, justo quando necessitamos de (re)visão crítica e autocrítica para poder avançar na caminhada, segundo parece, o que viceja na diocese como “renovação” tem todos os traços de uma reforma às avessas, arbitrária e sem memória. Em realidade, a pastoral diocesana mostra-se cada vez mais refém da “mística na esfera da subjetividade” (A. Brighenti).

 Quiçá, contrariando todos os ensinamentos do bispo de Roma, assistimos na diocese uma espécie de ensaio que, desajeitamente, trata de orquestrar um tema sucessor para a Igreja inculturada na região serrana. D. MARCHIORI, ROGAI A DEUS POR NÓS!

1. Doutor em Educação (UFRGS), Doutor em Teologia (UPSA/Salamanca), Pós-doc. em Pensamento Ibérico e Latino-americano, Pós-doc. em Educação. Presbítero da Diocese de Lages – SC. Orientador de Retiros, conferencista, assessor e consultor em temas de Teologia, Pastoral, Espiritualidade, Educação e Psicopedagogia. Especialista em Pastoral Urbana. Autor da obra, em dois volumes, *Liberación, un balance histórico bajo el influjo de Aparecida y Laudato si’. El aporte latinoamericano de Francisco*, 2021, Editora APPRIS/AMERINDIA, que versa sobre a Teologia Latino-americana e o Magistério do Papa Francisco. [↑](#footnote-ref-1)